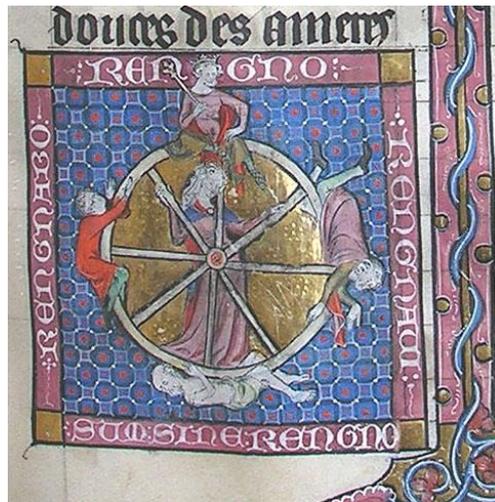




Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Apresentação



A Roda da Fortuna. Cambridge, ms S. 30, folio 70r.

Sobre os usos (e abusos) da História Medieval

Construir explicações plausíveis e éticas acerca do passado humano tendo como base o diálogo com a documentação disponível, seja ela primária ou secundária. Esta é uma das funções primordiais do historiador, medievalista ou não. Todavia, ao longo da história, percebe-se que a observação de tais premissas nem sempre norteou a construção das narrativas daqueles que tomaram o passado como objeto de pesquisa. Manipulações com vistas à construção de ideologias (muitas vezes preconceituosas e violentas) foram recorrentes, sobretudo em momentos de grave crise econômica e consternação social.

Neste início de século XXI, as manipulações ganharam fôlego renovado com a disseminação exponencial das redes sociais. Na esteira desta novidade cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, a pós-verdade assumiu condição de protagonista. Escolhida como a palavra do ano de 2016 pelo *Dicionário Oxford*, a pós-verdade tornou-se uma ferramenta poderosa nas mãos dos que almejam usar (e abusar, evidentemente) o passado ao seu bel prazer. Não por acaso, antes de ganhar as ruas, manifestações capitaneadas por supremacistas brancos dos dois lados do Atlântico já estavam a circular em fartas doses pelos veios das redes sociais a arrebanhar seguidores incautos. Gente ávida pela certeza de serem descendentes de um passado exclusivamente branco e cristão.

Se os séculos medievais foram colocados na linha de frente deste intrincado processo que criou (e ainda cria) mitos e mitologias que povoam o imaginário das pessoas mundo afora, cabe aos historiadores, e aos medievalistas de maneira específica, pedir a palavra a apontar as verdadeiras razões para que tais manipulações circulem livres, leves e soltas à plena luz do dia, no mundo real e também no virtual. Na literatura, no cinema, na música, na iconografia, nas relações políticas nacionais e internacionais, e em diversas outras áreas, também é possível identificar as diferentes maneiras pelas quais os séculos medievais foram lidos e forçosamente ressignificados. Em quase todos os casos, o objetivo basilar foi a legitimação de discursos políticos presentistas marcados por perigosos laivos extremistas. Ainda que poucos estejam dispostos ao diálogo e à leitura, ficar em silêncio não é uma opção.

Reunir pesquisadores que há algum tempo analisam as variadas faces dessa questão, assim como as relações de força que a envolveram e de certo ainda a envolvem, foi a proposta central deste dossiê temático que a *Revista Roda da Fortuna* (2017/2) traz a lume. Tal proposta igualmente se insere no urgente debate por uma História pública que traga a proscênio reflexões relevantes que sobreponham o conhecimento a opiniões cuja força inicial logo se desfaz diante de argumentações devidamente fundamentadas.

Na abertura do dossiê, encontra-se o artigo *O 1139/1140 português na Revista Centenários*, de autoria de **Matthias Gloël** da Universidade Católica de Temuco (Chile). Atento aos interstícios da memória de cunho nacionalista criada com a intenção de exaltar os personagens que governaram Portugal nos anos 30 e 40 do século passado, o artigo é uma interessante contribuição para este dossiê ao demonstrar a força que o presente pode exercer sobre as narrativas cujo objetivo é trazer a debate algum episódio significativo do passado.

Logo na sequência, está o artigo *Alegoria histórica: um possibilidade de operacionalizar tempo e espaço na antiguidade e no medievo*, de autoria de **Daniel Lula Costa** e **Janaína de Fátima Zdebskyi**, ambos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em um minucioso diálogo com uma bibliografia de cunho culturalista, o artigo é um convite aos que desejam se embrenhar nas trocas culturais que marcaram as histórias dos mundos antigos e medievais.

No encerramento deste breve, mas instigante dossiê, estão os artigos *A Idade Média sob a perspectiva da História das mulheres e dos estudos de gênero: as biografias das rainhas portuguesas* e *O homem medieval e os usos da história: as crônicas de Alfonso X*, de autoria, respectivamente, de **Miriam Coser** da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e de **Luiz Augusto Oliveira Ribeiro** e **Augusto João Moretti Junior**, estes da Universidade Estadual de Maringá. Ambos apontam uma vez mais para a necessidade de se pensar não uma história da Europa, mas diversas histórias de homens e mulheres dentro da Europa. Sem dúvida, o leitor estará diante de abordagens que permitem questionar velhas narrativas lineares cujo objetivo foi exaltar as grandes potências imperialistas europeias que dominaram boa parte do mundo entre os séculos XIX e XX.

A seção de artigos livres é composta por quatro artigos. **Andréia Rosin Caprino** aborda, no artigo intitulado *A dinastia valentiniana no olhar da historiografia (369-382)*, o quadro

político-religioso no contexto da segunda metade do século IV d.C., destacando o panorama historiográfico a respeito desta dinastia, utilizando autores que compreendem o período citado acima como um momento de transformações.

Paloma do Nascimento Oliveira apresenta o artigo *O toque divino na poesia de Hadenijch de Amberes*, no qual discorre sobre a beguina Hadewijch de Amberes analisando poesias compostas pela mesma, nas quais identifica uma fusão entre amor e divino, apresentando, portanto, uma proposta distinta da que era pregada pela Igreja naquele contexto.

Jaume Mensa Valls, em seu artigo traduzido para o português, *O ponto de ruptura entre Tomás de Aquino e Vicente Ferrer, ou a possibilidade de conhecer o final dos tempos*, compara as teses de Tomás de Aquino e Vicente Ferrer, sobre o tema da possibilidade de se conhecer o final dos tempos através dos escritos bíblicos. Em seu artigo, constata-se a evolução do pensamento de Vicente Ferrer em relação ao rompimento com as ideias de Tomás de Aquino, especificamente em relação à interpretação de Atos dos Apóstolos 1, 7.

Por fim, o artigo de **Maria Graciele de Lima**, intitulado *Da alma que habita e é habitada: uma leitura sobre o poema Búscate en mí de Teresa d'Ávila*, aborda expressões relacionadas à teologia mística, assim como elementos elaborados por mulheres representantes da mística ocidental cristã originada no Medievo. Para compreender a proposta da poesia teresiana, a autora dialoga com diversos autores, considerando, principalmente, o contexto da composição do documento.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Prof. Dr. Carlile Lanzieri Júnior
Universidade Federal do Mato Grosso
Organizador 2017/2
Cuiabá, 31 de março de 2018